


Artigo original

Concepções e experiências de pós-graduandos da PPGE/UFTM com extensão universitária

Conceptions and experiences of PPGE/UFTM postgraduate students with university extension

Concepciones y experiencias de estudiantes de posgrado del PPGE/UFTM con extensión universitaria

Natália de Andrade Nunes^{1*} , Daniel Fernando Bovolenta Ovigli² 

1. 2. Universidade Federal do Triângulo Mineiro , Uberaba, MG, Brasil.

* Autor correspondente: na.nunesbio@hotmail.com

Citação: NUNES, Natália de Andrade; OVIGLI, Daniel Fernando Bovolenta. Concepções e experiências de pós-graduandos da PPGE/UFTM com extensão universitária. **Revista Triângulo**, v. 18, p. e025013. DOI: [10.18554/rt.v18i00.8283](https://doi.org/10.18554/rt.v18i00.8283).

Recebido: 14 fev. 2025

Aceito: 30 jul. 2025

Publicado: 08 set. 2025



Resumo: Observamos quanto à graduação que os pós-graduandos do programa possuem uma origem diversa, formando um grupo multidisciplinar, isso despertou a curiosidade: como terá sido a experiência deles com a extensão universitária durante a graduação? Essa diversidade de áreas significaria diferenças significativas nas suas experiências com extensão? Isso implicaria em concepções distintas a respeito dela? Considerando que um pós-graduando é um possível docente universitário e pesquisador em formação, conhecer e entender suas experiências e concepções com extensão universitária e fomentar a discussão sobre essa dimensão universitária no espaço-tempo da pós-graduação se faz necessária. Objetivamos levantar informações sobre as concepções e experiências de pós-graduandos do PPGE da UFTM, matriculados em 2024, com a extensão universitária durante a sua graduação e as possíveis reverberações. A construção do questionário e análise dos dados se baseou na perspectiva de experiência formativa no âmbito pessoal e profissional, na perspectiva extensionista freiriana e do artigo 207 da Constituição Federal de 1988. As concepções dos sujeitos da pesquisa nos indicam certa uniformidade em como ela é encarada e desenvolvida no interior universitário, de forma marginalizada apesar de tantos avanços legais e administrativos, é algo sistêmico de diversos cursos e IES públicas ou privadas, apontando que a formação e cultura docente é um desafio para avançar na concretização do princípio da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão nas IES.

Palavras-chave: Curricularização da extensão universitária. Formação de professores. Instituições de Ensino Superior.

Abstract: We observed that the graduate students in the program have diverse backgrounds, forming a multidisciplinary group. This aroused our curiosity: what was their experience with university extension during their undergraduate studies? Would this diversity of areas mean significant differences in their experiences with extension? Would this mean different conceptions about it? Considering that a postgraduate student is a potential university teacher and researcher in training, it is

necessary to know and understand their experiences and conceptions with university extension and to encourage discussion about this university dimension in the space-time of postgraduate studies. We aim to gather information about the conceptions and experiences of postgraduate students of the PPGE of UFTM, enrolled in 2024, with university extension during their undergraduate studies and the possible repercussions. The construction of the questionnaire and data analysis was based on the perspective of formative experience in the personal and professional sphere, on the extensionist perspective of Paulo Freire and on article 207 of the 1988 Brazilian Federal Constitution. The conceptions of the research subjects indicate a certain uniformity in how it is viewed and developed within the university, in a marginalized way despite so many legal and administrative advances, it is something systemic in several courses and public or private universities, indicating that teacher training and culture is a challenge to advance in the realization of the principle of inseparability between teaching, research and extension in universities.

Keywords: Curricularization of university extension; Teacher training. Higher Education Institutions.

Resumen: En cuanto a la graduación, observamos que los estudiantes de posgrado del programa tienen una formación diversa, formando un grupo multidisciplinario, lo que despertó la curiosidad: ¿Cómo habría sido su experiencia con la extensión universitaria durante sus estudios de pregrado? ¿Esta diversidad de áreas significaría diferencias significativas en sus experiencias con la extensión? ¿Implicaría esto concepciones diferentes al respecto? La construcción del cuestionario y el análisis de los datos se basó en la perspectiva de la experiencia formativa en el ámbito personal y profesional, la perspectiva extensionista freireana y el artículo 207 de la Constitución Federal de Brasil de 1988. Las concepciones de los sujetos de investigación indican cierta uniformidad en cómo se ve y se desarrolla al interior de las universidades, de manera marginada a pesar de tantos avances legales y administrativos, es algo sistémico en diferentes carreras e IES públicas o privadas, indicando que la formación y la cultura La docencia es un desafío para avanzar en la implementación del principio de inseparabilidad entre docencia, investigación y extensión en las IES.

Palabras Clave: Currículo de extensión universitaria. Formación docente. Instituciones de Educación Superior.

1. Introdução

O trabalho é fruto da experiência teórica e prática dos autores com extensão universitária e museus de ciência ao longo de suas trajetórias acadêmicas, além de observações e “conversas de corredor” com os colegas pós-graduandos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Observamos quanto à graduação que os pós-graduandos do programa possuem uma origem diversa, formando um grupo multidisciplinar, isso despertou a curiosidade: como terá sido a experiência deles com a extensão universitária durante a

graduação? Essa diversidade de áreas significaria diferenças significativas nas suas experiências com extensão? Isso implicaria em concepções distintas a respeito dela?

Essas questões também se pautam na literatura que nos indica que a indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão é desarticulada, em que essas dimensões da universidade coexistem, sendo a extensão universitária marginalizada no interior universitário (Paula, 2023; Burginski; Costa, 2022; Comim; Ennslin; Valmorbida, 2018; Gonçalves, 2015). A extensão universitária no Brasil remonta a décadas, passando por marcos legais diferentes e evoluindo de práticas assistencialistas e de difusão do conhecimento para, também, uma abordagem mais integrada com ensino e pesquisa, influenciada pelas ideias de Paulo Freire (1983) e é normatizada nas universidades brasileira com a Constituição Federal (CF) de 1988, no artigo 207 (Paula, 2023; Santos, 2020; Brasil, 2018; Forproex, 2012; Brasil, 1988).

Recentemente, as diretrizes apontadas no Forproex (2012) avançaram politicamente e institucionalmente, com a determinação no item 12.7 do Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014 e reiterada pelo Conselho Nacional de Educação de 2018, que “no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”. Gonçalves (2015) destaca a alteração nessa nova redação de “ações extensionistas” por “programas e projetos” como positiva, no sentido que curricularização da extensão na graduação é importante para alcançar a totalidade dos graduandos e contribuir na formação de uma nova cultura universitária sobre articulação da extensão com ensino e pesquisa, principalmente dos docentes e futuros docentes, contudo ainda assim problematiza de forma pertinente os desafios que ainda existem com relação à concretização da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão.

Portanto, as Instituições de Ensino Superior no Brasil, em especial as públicas, entre muitos desafios internos, completa o termo de dez anos, em 2024, de mais um desafio e também de passos rumo às mudanças necessárias na construção da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão. Perspectiva importante de se ter mente do ponto de vista da formação acadêmica e cidadã

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que **articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade**. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmico e popular, terá como consequência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade (Forproex, 2012 apud Noqueira, 2000, p. 11-12) (grifo nosso)

O histórico e a literatura já trazem a importância da extensão, e entre tantos desafios na concretização da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, a mudança do que Gonçalves (2015) indica como *habitus* docente é um deles. Assim, pesquisas e relatos de experiências que indiquem como esse *habitus* é construído (Machado, 2019; Hooks, 2017; Gonçalves, 2015; Tardif, 2012), suas limitações e potencialidades de mudança são fontes importantes de informações para buscar e desenvolver alternativas no interior universitário.

Nesse sentido, considerando que um pós-graduando é um possível docente universitário e pesquisador em formação, conhecer e entender suas experiências e concepções com extensão universitária e fomentar a discussão sobre essa dimensão universitária no espaço-tempo da pós-graduação se faz necessária (Machado, 2019; Hooks, 2017; Honçalves, 2015; Cabral, 2012; Moita; Andrade, 2009) para avançarmos na construção do papel social da Universidade Pública Brasileira promulgada constitucionalmente.

2. Objetivos

Levantar informações sobre as concepções e experiências de pós-graduandos do PPGE da UFTM, matriculados em 2024, com a extensão universitária durante a sua graduação e as possíveis reverberações.

Avaliar se as concepções e experiências dos participantes se aproximam do ideal de extensão universitária.

Suscitar momento de reflexão e debate sobre a extensão universitária e a indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão na graduação e pós-graduação.

3. Aporte teórico metodológico

A construção do questionário e análise dos dados e baseou na perspectiva de experiência(s) como vivência(s) formativa(s) no âmbito pessoal e profissional, como faces de um mesmo prisma que influencia o *habitus* docente no interior universitário, como aborda Tardif (2012), Hooks (2017), Passeggi (2011), Massimi e Mahfoud (2007). Como perspectiva de extensão em Freire (1983) e na relação entre as três dimensões constituintes da universidade no artigo 207 da CF (Brasil, 1988).

4. Metodologia e procedimentos

Metodologicamente situa-se no espectro da pesquisa qualitativa. Para identificar e interpretar as concepções e experiências dos pós-graduandos da PPGE da UFTM com a extensão universitária fez-se uso de questionários semiestruturados, no sentido de proporcionar e construir uma interpretação mais fidedigna e profunda sobre a participação destes sujeitos na pesquisa (Santos; Greca, 2021).

O questionário foi composto por 8 perguntas. 1) Graduação(s) em; 2) Ano de conclusão; 3) Instituição de Ensino Superior, se privada (IESP) ou pública (IESPP); 4) Ocupação atual; 5) Saber dizer o que é extensão; 6) Por favor, conte um pouco sobre sua experiência com a extensão universitária durante a sua graduação; 7) Se atualmente atua ou participa de projetos de extensão, com resposta sim ou não; 8) Contar sobre o que motiva ou não a participar dos projetos de extensão, indicados na questão 7.

A organização dos dados que emergem dos relatos dessas concepções e experiências será por meio da análise de conteúdo de Bardin (2016) e da fenomenografia (Moreira, 2011), pois o foco do trabalho foi como os participantes experienciaram um fenômeno (a extensão universitária), e como algo subjetivo que é a experiência, os conteúdos que emergem são passíveis de serem organizados em categorizações e hierarquias, além de permitir comparações e cruzamento de informações.

5. Resultados

Com envio do questionário por e-mail e WhatsApp houve 37 respostas, entre mestrandos e doutorandos. De fato, os resultados indicam uma diversidade de graduações, totalizando 14 formações iniciais diferentes, incluindo 7 participantes que possuem 2 graduações. Destes, 16 são oriundos de IES privadas (IESP) e 19 de IES públicas (IESPP) e 2 fizeram duas graduações em IES pública e privada, estes contabilizei em ambas as IES, totalizando 18 e 21 respectivamente. Das graduações entre os pós-graduandos participantes 30 foram na área de humanas e sociais, enquanto 14 nas áreas das ciências naturais, saúde e exatas.

A questão 2) sobre ano de conclusão da graduação buscava avaliar se o cenário político de alguma forma interferiu na relação desses pós-graduandos com as suas experiências e concepções sobre extensão universitária. Saber a origem da graduação (1), a natureza da IES (3), pública ou privada, também buscava averiguar a influência nas experiências e concepções sobre extensão universitária. Percebemos que o ano de conclusão e a área da graduação não demonstrou correlação com os conceitos que fazem de extensão, bem como suas experiências, que na verdade isso tem mais relação com questões pessoais e a natureza da instituição de ensino superior. Evidenciando a necessidade de métodos que busquem aprofundar o diálogo com os sujeitos para buscar mais elementos que evidenciem sobre suas concepções e experiências, bem como permita que os próprios sujeitos aprofundem e reflitam do assunto em questão, como proposto em Passeggi (2011) e Hooks (2017).

A questão 5 sobre conceituação de extensão universitária ponderamos segundo a perspectiva que Paulo Freire apresenta em Comunicação ou Extensão (1983) e no artigo 207 da CF (1988). O objetivo com esta pergunta era avaliar a proximidade com o ideal de extensão universitária. Assim emergiram as categorias que nomeadas da seguinte forma: i) concepções constitucionais e também baseadas em Freire (1983), em que ensino pesquisa e extensão são articulados e indissociáveis, de modo que a comunidade acadêmica dialoga com a comunidade externa de forma dialógica, horizontal e encontram juntas soluções e/ou a comunidade acadêmica volta com novas questões para serem pesquisadas; ii) concepções intermediárias, entendendo a extensão universitária como o conhecimento da academia levado para “fora das universidades”, para a comunidade externa ou que de alguma forma há um diálogo entre acadêmicos e leigos; iii) concepções que não fazem relação, explícita, de diálogos entre comunidade acadêmica e comunidade externa, estão mais relacionadas com ideia da extensão ser mais uma modalidades de curso.

No sentido de correlacionar o conceito primário que possuem sobre extensão universitária, relatadas na questão 5, com as experiências sensíveis e diretas que tiveram com extensão, narradas nas questões 6, as experiências que tiveram na graduação ou ausência delas, e 8, o que motiva ou não atualmente participarem de atividades de extensão.

Entendemos que essas questões são importantes, pois como Tardif (2012), Hooks (2017), Passeggi (2011), Massimi e Mahfoud (2007) indicam, diverso saberes oriundos de diversas fontes de experiências (vida escolar, familiar, vida acadêmica, valores) formam o saber docente que reflete na atuação profissional, e no que tange a formação de docentes para o ensino superior é importante entender esse percurso formativo, pois o *habitus* dos docentes no interior universitário como indica Hooks (2017), Gonçalves (2015), Machado (2019) e Moita e Andrade (2009) é um dos grandes desafios para a concretização do ideal de indissociabilidade entre extensão pesquisa e ensino que é essencial para Universidade efetivar e legitimar sua função social, principalmente nos tempos atuais em que o

proposito da Universidade, em especial pública, é questionado pelo mercado neoliberal e pela sociedade (Mazzilli; Maciel, 2010).

Nesse sentido, essa prospecção dos pós-graduandos foi uma oportunidade de refletir sobre os rumos da tese de um dos autores desse trabalho, bem como averiguar se os indícios do que já temos na literatura de entender o percurso formativo dos graduandos, pós-graduandos, docentes e técnicos para fortalecer e legitimar a extensão universitária e a dimensão da indissociabilidade entre pesquisa ensino e extensão que urge no interior universitário.

Portando apresentaremos inicialmente os resultados emergentes dos pós-graduandos oriundos das IES privada em separado dos oriundos de IES pública, posteriormente tecemos comparações, não para fins de melhor ou pior, mas para considerações gerais que indicam desafios e potencialidades para extensão universitária e o ensino superior como um todo.

5.1. Nas Instituições de Ensino Superior Privada

No total de 18 pós-graduandos oriundos das IESP 9 não tiveram experiências com a extensão e 9 sim (tabela 1). Um dado que chama a atenção é dos que possuem mais de uma graduação, somando 7, dos quais 5 não tiveram experiência com extensão universitária, o que abre um alerta quanto às IESP e o exercícios destas quanto ao princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, alerta este corroborado por Mazilli e Maciel (2010).

Tabela 1- Experiência e concepções de pós-graduandos com extensão universitária oriundos de IES Privada

IES Privada					
Experiência com extensão universitária na graduação		i) Concepções constitucionais	ii) Concepções intermediárias	iii) Concepção como curso	Não respondeu
Não Experienciaram a extensão universitária	9	Conceito	2	5	2
Experienciaram a extensão universitária	9		1	1	6

Fonte: autores, 2024.

Desses 18 pós-graduandos, 9 atualmente participam ou atuam com extensão universitária e a outra metade não. Fazendo o cruzamento de informações, entre os 9 que não tiveram experiências com extensão na graduação apenas 3 atuam ou participam hoje com extensão, por intermédio da pós-graduação, enquanto que dos que tiveram 6 atualmente atuam ou participam de atividades de extensão. Indicando a importância de essas experiências serem vividas na graduação e também na pós-graduação (Cabral, 2020; Machado, 2019; Hooks, 2017; Gonçalves, 2015; Tardif, 2012; Moita; Andrade, 2009).

Entre as questões 5, 6 e 8 não houve indícios de correlação entre vivenciar atividades de extensão e conceituá-las de acordo com categoria “i” da questão 5. Portanto para pós-graduandos de

IES privadas o conceito e a problematização que fazem de extensão universitária tem pouca relação com suas experiências. Uma inferência nesse sentido pode ser porque desses que vivenciaram a extensão foi de forma passiva (Cabral, 2020; Machado, 2019; Gonçalves, 2015; Moita; Andrade, 2009; Freire, 1983), por meio de cursos ou participação em eventos científicos, que inclusive são tidos como extensão, mas pouco ou nenhuma relação possuem com essa dimensão universitária (Burginski; Costa, 2022; Forproex, 2012; Freire, 1983).

Contudo vivenciá-la na graduação se mostrou importante para estar mais disposto e em condições a problematizar e participar de atividade de extensão universitária. Pensando na questão mais ampla de formação docente, além da inicial, a continuada, por exemplo, numa pós-graduação se faz necessária, como foi o caso que uma participante teve experiência com atividade de extensão no mestrado, como indicado na sua resposta da questão 8

Nós, bolsistas do mestrado e doutorado, estamos trabalhando com um projeto de extensão "A pós vai à escola: PPGE - UFTM em movimento" que consiste em levar as escolas municipais, estaduais e federais a apresentação do nosso programa PPGE e além de estabelecer uma relação entre a comunidade, será apresentado as pesquisas desenvolvidas e/ou em desenvolvimento com o objetivo de agregar profissionais da educação a comporem o programa (Participante 5).

Essa experiência da colega oriunda de uma IESP numa IESPP e na pós-graduação corrobora o que Gonçalves (2015), Mazilli e Maciel (2010) dizem a respeito de estamos alertas de como a extensão e o papel social das universidades (Hooks, 2017; Freire, 1983) vem sendo cumpridos, seja na IES privada ou pública, bem como a importância da pós-graduação também refletir sobre o que seu corpo docente e discente entende a respeito e age sobre a extensão universitária e o princípio da indissociabilidade de ensino pesquisa e extensão (Mazilli; Maciel, 2010; Moita; Andrade, 2009), porque além de atuarem na pós-graduação, os mesmos docentes atuam em graduações.

Esse raciocínio e a importância da pós-graduação na formação de novos docentes é evidenciado na fala do participante 7, também oriundo de IESP sem vivência com extensão na graduação e na atualidade, porém lhe foi oportunizado problematiza-la na interação com os colegas e no ambiente da pós-graduação numa IESPP, como indicando nas questões 5 e 8.

É o envolvimento dos membros da universidade, sejam eles professores, técnicos e discentes, com a comunidade externa, levando parte dos conhecimentos acumulados no ensino superior para a sociedade. (questão 5).

[...] Considero que a **extensão universitária**, no tripé ensino/pesquisa/extensão é **"marginalizada" tanto por professores, quanto por discentes** e, também, **pelas instituições de ensino superior**. É uma atividade **desvalorizada como produção do professor universitário ou como crédito em um programa de pós-graduação, como o nosso PPGE, por exemplo**. Tendo em vista o elevado número de atividades que um doutorando precisa realizar, como disciplinas, publicações, participação em eventos, somados a um possível emprego/vínculo empregatício e, ainda, ter um momento com para estar com a família/filhos, **há a necessidade de se optar pelo que essencial/obrigatório naquele determinado momento**. Nesse sentido, **passamos também a negligenciar a extensão universitária** (Participante 7, questão 8 grifo nosso).

Participante 11 também corrobora os estudos de Mazilli e Maciel (2010), Golçaves (2015) e Cabral (2012) ao compartilhar suas experiências como egressa de IESP sem experiências com

extensão, mas que pôde vivenciá-las e problematizá-las na sua ocupação numa IESPP como indicando nas respostas das questões 4 e 8, respectivamente

Acompanhamento e orientação pedagógica em uma universidade federal. (questão 4)

[...] Como trabalho em um setor de acompanhamento pedagógico discente, vejo como muito importante as atividades de extensão. Primeiramente como uma forma de formalizar projetos e programas que ainda não são institucionalizados por meio de normativas, segundo por conta da certificação para todos os envolvidos e terceiro porque é uma forma de estender os benefícios do trabalho para diversos públicos. (Questão 8, Participante 11).

5.2 Nas Instituições de Ensino Superior Pública

Entre os 21 participantes oriundos das IESPP 75% deles experienciaram alguma atividade de extensão, destes aproximadamente 75% também possuem uma concepção constitucional ou intermediária sobre extensão universitária e a importância dela na missão da universidade (tabela 2).

Contudo, em contrapartida, comparando as respostas da questão 5 6 com a 8 percebe-se que dos 14 que experienciaram a extensão, somente 7 atuam com extensão atualmente. No universo dos 21 participantes, a distância aumenta, ou seja, 75% atualmente não atuam ou não participam passivamente das atividades de extensão.

Tabela 2 - Experiência e concepções de pós-graduandos com extensão universitária oriundos de IES Pública

IES Pública						
Experiência com extensão universitária na graduação		Conceito	i) Concepções constitucionais	ii) Concepções intermediárias	iii) Concepção como curso	Não respondeu
Não Experienciaram a extensão universitária	6		1	2	0	2
Experienciaram a extensão universitária	15		7	7	2	

Fonte: autores, 2024.

As demandas de tempo, família, trabalho e ocupação na pós-graduação como evidenciada em algumas falas dos participantes.

No momento não desenvolvo nenhum projeto devido a dedicação temporária a pesquisa e ensino (Participante 21).

Nunca tive a oportunidade, e hoje em dia trabalho em dois turnos, tendo filhas. A carga horária fica bem reduzida (Participante 36).

Em função de demandas acadêmicas e familiares, não tenho mais disponibilidade para participar dos projetos de extensão da Universidade (Participante 4).

A motivação da não participação em atividades de extensão na atualidade, considerando que estão na pós-graduação e, destes, 75% vivenciou alguma experiência, levanta novamente as questões de como se tem articulado a indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão nas universidades (Gonçalves, 2015), especialmente as públicas, seja na graduação ou pós-graduação, haja vista que os docentes trabalham em ambos os espaços-tempos, indicando que na universidade se vive a coexistência entre os três aspectos constituintes da universidade e não a sua indissociabilidade:

Ora, a universidade tem sido palco de análises e debates que têm dado destaque seja ao ensino, seja à pesquisa, seja ainda à extensão. Assim, se **considerados apenas em relações duais, a articulação entre o ensino e a extensão** aponta para uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, se **associados o ensino e a pesquisa**, ganha-se terreno em frentes como a tecnologia, por exemplo, mas se incorre no risco de perder a compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final desse saber científico (a sociedade). Enfim, **quando a (com frequência esquecida) articulação entre extensão e pesquisa exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido à universidade**. Embora se reconheça a importância dessas articulações duais, o que aqui se defende é um princípio que, se posto em ação, impede os reducionismos que se verificam na prática universitária: ou se enfatiza a produção do novo saber, ou a intervenção nos processos sociais, ou ainda a transmissão de conhecimentos na formação profissional (Moita; Andrade, 2009, p. 1, grifo nosso)

Outro dado interessante que tem a ver com as oportunidades que a universidade oferece de extensão, que são múltiplas, mas não quer dizer que não devemos estar atentos e problematizá-las (Machado, 2019) é na resposta da questão 6 do participante 32, sobre suas experiências com extensão

Apenas com o PET e o PIBID, quando podíamos aplicar atividades em escolas de Uberaba e disponibilizar cursos para a comunidade. Mas sinto **falta de extensão que de fato contribua com as necessidades da comunidade**, os cursos geralmente tem como **viés ajudar estudantes do ensino médio a entrar na faculdade. Mas e a senhora de setenta anos que não tem pretensão de fazer uma faculdade?** O público se torna limitado. **Poderia pensar mais em projetos culturais e artísticos, para além de conteúdos curriculares** (Participante 32, grifo nosso).

Dois participantes associaram ao PIBID suas experiências com extensão, enquanto outro participante teve vivência com PIBID, mas não entendeu como extensão e há participante que teve acesso à extensão enquanto professora e recebeu o PIBID na escola que trabalha. Aqui fica uma observação da importância desse programa para além da docência e questionamentos sobre o papel do PIBID e como pode ser mais bem explorado no fortalecimento da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão.

5.3 Considerações dos participantes oriundos de ambas as IES

Das informações que emergiram em ambos os grupos, no caso de quem experienciou a extensão universitária, a principal forma foi por meio de cursos e palestras o que é evidenciado na literatura e em documentos (Machado, 2019; PNEU, 2001)

Esse tipo de extensão - que vai além de sua compreensão tradicional de disseminação de conhecimentos (cursos, conferências, seminários), prestação de serviços (assistências, assessorias e consultorias) e difusão cultural (realização de eventos ou produtos artísticos e culturais) - já apontava para uma concepção de universidade em que a relação com a população passava a ser encarada como a oxigenação necessária à vida acadêmica (PNEU, 2001, p. 4).

Também evidenciado nas respostas de alguns participantes essa diversidade e perspectivas de extensão

Na época da minha graduação, desenvolvíamos projetos a serem executados em asilos, CEMEIS, ações que auxiliam a comunidade em geral (Participante 3).

Participei de um projeto de extensão sobre a memória dos idosos asilados de Uberaba, intitulado O Resgate Cultural. O projeto culminou em três livros, organizados pela professora coordenadora e pelos alunos bolsistas do projeto, e que foram publicados pela editora da UFTM (Participante 4).

Não que cursos e palestras e semelhantes como citado no PNEU (2001) não possam ocorrer como forma de extensão, mas ir além desse movimento, buscando essas práticas e inovando em outras, de forma a buscar a troca de saberes e dialogicidade de fato (Hooks, 2017; Freire, 1983).

Dentro desses balizamentos, a produção do conhecimento, via extensão, se faria na troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, tendo como consequência a democratização do conhecimento, a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade e uma produção resultante do confronto com a realidade. [...] A extensão, entendida como prática acadêmica que interliga a universidade nas suas atividades de ensino e de pesquisa com as demandas da maioria da população, possibilita essa formação do profissional cidadão e se credencia cada vez mais junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes (PNEU, 2001, p. 4-8).

As experiências de alguns participantes suscitaram curiosidade de saber mais sobre os projetos de extensão que vivenciaram na graduação ou oportunizados em outros momentos no trabalho ou na dentro da pós-graduação.

Durante a graduação participei de 2 projetos de extensão:

1) Avaliávamos a qualidade da água (análises químicas e biológicas) da região da universidade - Interior do UF. Buscando especialmente a quantidade de fluoreto, nitrato e nitrito.

2) Um grupo que discutia acerca da violência de gênero de forma geral. **Deste grupo surgiu um projeto de conscientização para homens abusadores e o observatório de violência do Município de X** (Participante 2, grifo nosso)

Atuando no setor de assistência estudantil tive mais oportunidades de realizar e participar de projetos de extensão. O que me motiva é poder ter mais trocas com a comunidade e refletir melhor sobre a nossa atuação e relevância de nossas escolhas nas ações para a população enquanto servidores e discentes da UFTM (Participante 26).

6. Considerações Finais

As experiências dos pós-graduandos com extensão universitária na graduação e suas concepções nos indica certa uniformidade em como ela é encarada e desenvolvida no interior universitário, de forma marginalizada apesar de tantos avanços legais e administrativos, é algo sistêmico de diversos cursos e IES, indicando que a formação e cultura docente é um desafio para avançar na concretização do princípio da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão nas IES, seja pública ou privada. Contudo, também há experiências e concepções que já demonstram como é possível se aproximar do ideal constitucional de universidade, portanto há caminhos e ações talhados, é necessário, portanto, problematiza-las, teoriza-las melhorá-las e agir, que assim servirão para o desenvolvimento de novas e mais articuladas práticas que de fato reflitam uma indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão.

Considerando os relatos dos participantes e a literatura conclui-se que a graduação é um espaço-tempo importante para formação do *habitus* docente no que tange à extensão universitária e sua articulação com ensino e pesquisa. Não obstante, a pós-graduação também possui um papel importante na formação da cultura docente, e não pode se furtar de provocar autoavaliações, reflexões e mais ações no âmbito da extensão para contribuir além das dualidades pesquisa e ensino; ensino e extensão; pesquisa e extensão, mas para promoção do princípio constitucional de indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão nas universidades.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016, p. 279.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em: 15 jun. 2023.

BURGINSKI, Vanda Micheli; COSTA, Teresa Cristina Moura. Curricularização da extensão universitária em debate possibilidades, desafios e lacunas. **Revista Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, Palmas, v. 5, n. 3, p. 11-30, set.-dez. 2022.

CABRAL, Nara Grivot. **Saberes em extensão universitária: contradições, tensões, desafios e desassossegos**. 2012. Tese (doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

COMIM, Janaína.; ENNSLIN, Sandra Rolim; VALMORBIDA, Sandra Mara Iesbik. Indicadores de Extensão Universitária: Investigação da sua Importância e Uso na Percepção dos Gestores nas Universidades Públicas Brasileiras. In: XVIII International Conference in Accounting e do XVº Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade, 2018, São Paulo. **Anais... [trabalhos completos - 616]**, São Paulo: USP, 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FORPROEX. (2012). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: UFMA; Brasília: MEC/SESu,

2012.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n.3, p.1229 - 1256, set./dez. 2015.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 2017.

MACHADO, Andréa Kochhann. **Formação Docente e Extensão Universitária: tessituras entre concepções, sentidos e construções**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MASSIMI, Marina; MAHFOUND, Miguel. A pessoa como sujeito da experiência: um percurso na história dos saberes psicológicos. **Memorandum**, 13, 16-31, 2007.

MAZZILLI, Sueli; MACIEL, Alderlândia Silva. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: caminhos de um princípio constitucional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010. Caxambú. **Anais...** Caxambú, MG: Anped, 2010. Disponível em: <http://www.anped11.uerj.br/Indissociabilidade.pdf>. Acesso em: 14 jul.2024.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, maio/ago. 2009.

MOREIRA, Marcos Antônio. **Metodologia de Pesquisa em Ensino**. São Paulo: Livraria da Física, 2011. PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. Interfaces - **Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PNEU. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. 2001. In: https://portal.ufpa.br/images/docs/Transparencia_publica/legislacao/Planonacionaldeextensaouniversitaria.pdf.

SANTOS, F. M. T.; GRECA, Ileana María (Orgs.). **Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil e suas metodologias**. 2 ed. Rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2021, 438p.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 14 ed. Tradução: Francisco Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 325 p.

Contribuição dos autores: Os autores contribuíram com a elaboração da fundamentação teórica, estruturação do artigo, pesquisa, análise e descrição dos resultados e revisão do manuscrito.

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.
